



JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XV, nº 115, outubro/novembro/dezembro - 2022

DITADURA MILITAR: OUTROS VENTOS, MESMAS VELAS

Vera Lúcia de Oliveira

*“Os melhores vacilam, e os piores
Andam cheios de irada intensidade.”*

W. B. YEATS

Um coronel de pijamas, reformado, volta à ativa a convite do amigo general para ocupar um cargo importante. O órgão é a recém-criada interventoria. Entusiasmado, quer consertar o Brasil de qualquer jeito. Começa assim a novela *O simples coronel Madureira* (RJ: José Olympio, 2013), de Marques Rebelo, livro de 1967.

Meio blasé, morador do subúrbio carioca, casado com Deolinda, a Linda, sua “comandante” a quem obedece cegamente, o coronel Jonas Madureira da Silva Filho tem vida pequena e chata. Mas é feliz no seu mundinho onde cuida do quintal nas horas de folga, dedicando-se com muito gosto no cuidado das hortaliças e do galinheiro. De natureza calma, sem ambições, sua vida é servir à pátria, como militar dedicado. Mas tudo pode mudar. Nada como uma secretária com odor di femina para mexer com o que estava quieto, adormecido:

Aquela presença graciosa e esvoaçante, metamorfoseada cada dia pela exibição de um novo vestido, com sapatos e bolsas combinando, tornava-se a indispensável e primaveril borboleta para tal jardim sem flores. Indagava dela as coisas mais insignificantes, repisava perguntas, inventava tarefas para ocupá-la:

– A senhora não acha que está faltando a relação dos fornecedores de implementos elétricos? Seria interessante anexá-la...

Dona Almerinda era a própria eficiência:

– Interessantíssimo! Vou providenciar. (Pág. 61.)

Desde que assumira o posto no Serviço Geral de Abastecimento de Lubrificantes, o SGAL, atendendo à intimação do Alto Comando Revolucionário, o coronel Madureira, Madu para a mulher, renovou o seu senso de nacionalismo e colocou-se a serviço da Pátria. “Va-

mos botar um cobro nesta pepineira!”, decretou o sempre exaltado major Oldemar, enquanto se reuniam com o general Pantaleão, que dava o comando:

– Coronel Madureira, a pátria exige o seu sacrifício! O nosso, aliás. Honremos o nosso juramento!

Instintivamente bateu os tacões, perfilou-se:

– Meu general, soldado é soldado!

– Muito bem! (Pág. 14.)

Assim, sob o comando do general Pantaleão, o coronel Madureira volta à ativa no órgão criado após o golpe militar de 1964, que ocupava sete andares em arranha-céu na avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro, espaço da ação da novela. Orgulha-se agora de ser um defensor da ordem pública, ele que tivera longa e medíocre trajetória militar. Homem de leitura pouca e vulgar, o que se vê em sua “biblioteca”, composta, em grande parte, pelas várias edições do “Almanaque do Exército”, em que se podia constatar com amargura as injustiças que sofrera, uma vez que não fora contemplado com as distinções dos bem-nascidos colegas de farda. Diz o narrador:

(...) – é que o arbítrio das promoções e designações de postos levava o oficialato a se dividir em quatro distintas categorias: a dos filhos de Deus, que abiscoitavam missões no estrangeiro; a dos filhos do Homem, que não saíam do Rio ou de São Paulo; a dos filhos da puta, que curtiavam o interior do Brasil, mas voltavam; e a dos propriamente ditos, que morreriam na roça se não se reformassem – e na última é que ele, por desgraça, tocara ser inserido. (Pág. 9.)

Impelido pela mulher belicista, o coronel estava disposto a dar cabo da corrupção e pôr todos os ladrões na cadeia. Obcecados em perseguir os inimigos, todos, para eles, comunistas, o general e seu grupo trabalharia e se sacrificaria para limpar o país dessa gente:

O sacrifício seria plenamente recompensado – caberia aos interventores uma diária

equivalente ao que percebia por dia o mais alto funcionário do serviço, seja o diretor-geral. Mas tal maná o coronel Madureira só soube depois – Linda iria ficar radiante! (...) (Pág. 15).

Era hora então de “arrombar armários e revistar gavetas e arquivos” atrás de material subversivo, provas de corrupção. Mas o material encontrado foi decepcionante. Coisas bobas, desimportantes. A missão, no entanto, recrudescia. Era preciso apanhar o inimigo.

Só não contavam com a atuação do contador-geral, funcionário antigo e astuto que vai iniciar um trabalho subterrâneo de resistência. Com o auxílio da atraente e perfumada secretária Almerinda, estrategicamente colocada em seu gabinete, o coronel delegou ordens e pouco ou nada via a seu redor. Assim, foi pegando o gostinho pelo novo cargo, pelos proventos que faziam a mulher sonhar com certos luxos, e foi se tornando peixe na água cada vez mais burocrática do governo militar. A palavra de ordem “Fogo naqueles ladrões!” ficava cada vez mais soterrada sob a papelada inacreditável do SGAL. A burocracia tomou o lugar do que seria transparência, higiene do serviço público. É quando prevalece a Ordem pela Ordem. Como diz o jornalista Flávio Pinheiro na orelha do livro,

Rebelo flagra o momento em que o estamento militar esparrama-se pela máquina burocrática. O ardor da caserna combina perfeitamente com o rito de memorandos, ofícios, regimentos. É a ordem que só almeja a ordem.

Assim, Marques Rebelo, autor do consagrado romance *A estrela sobe*, de 1939, íntimo conhecedor da vida carioca com o seu falar característico de gírias e expressões criativas, lê o momento político em que tem início a criação de um mastodonte, a nova máquina burocrática estatal sob as rédeas e os tacões do governo militar pós-64. Para concluir com Pinheiro: “E a delação é o prelúdio do que está por vir em todas ditaduras antes que elas exibam sua face mais horrível.”

DIÁLOGO DE SURDOS

Roberto Minadeo

Aparentemente são amigos, irmanados na assistência a jogos de futebol no boteco. Se não são amigos, ao menos são colegas: bebem, berram e torcem por seus respectivos times.

A realidade, todavia, é bem diversa, como se pode comprovar diante de fatos aparentemente incompreensíveis, como pessoas nervosas de pé, circulando e muitas vezes falando sozinhas. Há tantos que falam mais consigo próprios do que com os demais – que terminam por receber meros monossílabos impessoais, formados por interjeições.

Não se apresenta nenhum enigma baseado em antigas mitologias. Nada disso. Apenas se fala da mais fraca de todas as relações humanas: aquelas que surgem em torno à mesa de bar. Aliás, surgia em torno à mesa de bar, pois com a multiplicação de aparelhos de TV em cada um desses memoráveis estabelecimentos a cada quatro anos, a aglomeração não se dá mais em torno à mesa – para prostrar e beber – mas em círculos concêntricos surgidos dos aparelhos que mostram as imagens dos jogos.

Os torcedores dos bares, se não são inimigos, ao menos são apenas meros paralelos – definidos de forma absolutamente perfeita pela matemática pelo fato de que nunca se encontram. Ah! com a notável exceção de juntos torcerem nos jogos da Seleção Nacional.

Mesmo assim, há raras situações nas quais surge uma “ovelha negra”, feliz a comemorar durante o jogo as boas atuações das seleções adversárias, elogiando o bom futebol dos craques estrangeiros, “muitas vezes superiores aos nossos”. Tais torcedores costumam acrescentar, saudosistas: “— Bom mesmo era o tempo do Pelé”.

Uma ideia chama outra, e inevitavelmente surge alguém que comenta: “— Nunca teremos outra Seleção igual à de 1982!”

Os sofreadores, que torcem em silêncio pela Seleção Brasileira, são salvos por um pobre filósofo que responde, em nome de todos: “— Pois é, mas o belo futebol de 1982 não ganhou a Copa! Tivemos que esperar até 1994, quando ganhamos com um futebol feio, porém decisivo!”

Os torcedores dos bares são diversíssimos. Há casais, há grupos de amigos, há pessoas sozinhas de todas as idades. Alguns usam as camisas de seus times; alguns jamais fizeram uma compra dessas em suas vidas.

Se algo une a todos, de todas as torcidas, mesmo as de times que se enfrentam, é culpar o juiz, xingando-o de todos os impropérios conhecidos e de outros inventados na ocasião – sob os impulsos da bebida.

Há um paradoxo dessa triste profissão. Se o juiz acerta, os torcedores do time adversário não gostam. Se o juiz erra, quase todos não gostam.

A chegada do VAR foi especialmente comemorada pelas mães dos juizes, na expectativa de que diminuísse as dúvidas, eliminasse as confusões de arbitragem e os consequentes xingamentos. Triste ilusão! Pobres sofrimentos maternos! As agressões verbais não foram zeradas ou amenizadas, muito pelo contrário, pois o árbitro pode ou não utilizar essa ferramenta eletrônica que teria o dom de eliminar quaisquer dúvidas a respeito de lances duvidosos – em especial, pênaltis, impedimentos e faltas graves. De modo que a universalidade de se xingar o juiz permanece válida, e irmanando a todos os frequentadores de botecos.

VATICÍNIO

Diego Mendes Sousa

Paisagens
de memórias feéricas.
O rio desce
além das profundezas.

O dia acaba.
Morro amanhã
ou depois.

A alma sangra
com o seu olhar
de madrugada.

Soneto do Mês

SONETO

Jorge de Lima



A garupa da vaca era palustre e bela,
uma penugem havia em seu queixo formoso;
e na fronte lunada onde ardia uma estrela
pairava um pensamento em constante repouso.

Esta a imagem da vaca, a mais pura e singela
que do fundo do sonho eu às vezes esposo
e confunde-se à noite à outra imagem daquela
que ama me amamentou e jaz no último pouso.

Escuto-lhe o mugido – era o meu acalanto,
e seu olhar tão doce ainda sinto no meu:
o seio e o ubre natais irrigam-me em seus veios.

Confundo-os nessa ganga informe que é meu canto:
semblante e leite, a vaca e a mulher que me deu
o leite e a suavidade a manar de dois seios.

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

30ª DIRETORIA

2021-2023

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: Edmilson Caminha
2º Vice-Presidente: Sônia Helena
Secretária-Geral: Kátia Luzia Lima Ferreira
1ª Secretária: Vera Lúcia de Oliveira
2ª Secretária: Noélia Ribeiro
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha

2º Tesoureiro:

Ariovaldo Pereira de Souza
Diretor de Biblioteca: Salomão Sousa
Diretor de Cursos: Roberto Minadeo
Diretora de Divulgação: Sandra Maria
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi, Aleixo, José Jeronimo Rivera, Napoleão Valadares e Ronaldo Costa Fernandes

JORNAL da ANE nº 115 – outubro/novembro/dezembro 2022

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e
Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Cláudia Gomes e Rosângela Trindade

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

SESTANTE, SEXTANTE

Flávio R. Kothe

Era sexta-feira, dia de cortar o cabelo, mesmo que muitas sextas tenham sextado sem que eu tenha encestado o corte. Nunca fiz a barba no barbeiro. Não se faz mais, desde que as lâminas triplicaram no corte e no número. Meu pai fazia a barba no primo barbeiro cada semana, dizia que era para mostrar a boniteza: eu calava o que pensava.

Sentei na cadeira do baiano na 314 Norte de Brasília. Não era a primeira vez que eu ia lá, mas desconfiava que ele fosse bolsonarista desde que havia dito que era contra a vacina para covid e que nos ônibus todos iriam se contaminar. Não tenho amigos fascistas. Nem parentes. Todos deixaram de ser desde que tiraram as máscaras.

Quando me sentei na quase poltrona, o barbeiro me perguntou o que eu fazia. Em vez de dizer que, sendo aposentado, não fazia nada, respondi que buscava pensar. Vi espanto em seus olhos. Esclareci então que não estudava questões práticas, não buscava aplicar teorias. Ele perguntou o que eu queria dizer com isso, se poderia explicar isso de modo claro. Desconfio muito do que pretende ser claro, mas de nada adiantava dizer isso.

À nossa frente, na estante do espelho em que eu via a dança das lâminas prontas a decapitar minhas partes mortas, vi alguns aparelhos e objetos da profissão. Apontei para a tesoura, o barbeador, a máquina de aparar, cremes:

– Olhe aí um pente, uma tesoura, um barbeador elétrico: são aparelhos, são coisas, objetos que percebemos e você usa. Mas por que chamamos de aparelhos, coisas, objetos? Porque há em cada um algo que existe também no outro e que nos permite ver algo em comum, mas que não é um mínimo denominador comum. Há um ser em cada ente que lhe permite um acesso aos outros entes. Nenhum deles é O Aparelho, A Coisa, O Objeto.

Vendo que ele acompanhava o que eu parlava, decidi ser cruel:

– O cristianismo achava que na mente divina se reúne a essência de todas as coisas como formas puras. Aristóteles já dizia, há 2.500 anos, que não há puras formas, que os números não são a origem das coisas, mas as coisas é que dão origem aos números. Dizia: não há forma sem matéria. Qualquer forma tem alguma materialidade. Isso é evidente. Mesmo assim, Aquino e os padres da Igreja inventaram que em Deus estariam puras formas, reunindo a essência de tudo o que foi, é, será, mas também do que não foi, não é nem será. Isso não faz sentido. Elas teriam de ter alguma materialidade.

– Falou há 2.500 anos?

– Sim. E não adiantou nada! A forma é sempre forma de alguma coisa. Os cristãos são pitagóricos e não sabem...

Fiquei olhando o barbeiro no espelho para ver se aguentava o baque. Parecia que sim. As palavras eram apenas palavras, não coisas reais. Apontei então de novo para os objetos que estavam diante de nós e perguntei se algum deles era O Objeto, A Coisa, O Aparelho. Se um deles fosse, os demais não poderiam ser.

– Aristóteles disse isso?

– Disse que nenhum ente pode ser o ser. O ser vai além de cada ente, algo que está nele, mas também em outros. Está em todos e em nenhum. Se nenhum ente pode ser o ser, Deus é uma impossibilidade lógica, um ente que acreditam que seja o ser de tudo. Aquino traiu Aristóteles, dizendo seguir O Mestre. Estou estudando a diferença entre ente e ser, se é que ainda dá para usar esses termos. Falar em ente, ser, essência é continuar na metafísica.

– Alguém já resolveu isso?

– Parece que não. Dizem que não se trata de resolver, mas de entrar no problema. O principal filósofo do século XX, Heidegger, escreveu sobre

isso. O principal colocou na década de 1950, num dos Cadernos Negros chamado Vigília e Noturno, que ele exigiu que só fosse publicado depois da morte dele, no fim da edição da obra completa dele. Apareceu em 2020.

– Por que alguém escreve para não ser publicado? Por causa de perseguições?

– Inventaram que ele teria se definido diante do nazismo, mas isso não é o mais relevante. É preciso perguntar se o totalitarismo é consequência direta do modo ocidental de pensar. Há coisas mais perigosas do que um regime político.

– Ele achou alguma saída? Procurou uma?

– Tratou de estudar alguns grandes poetas, como Hölderlin, Rilke, George, Trakl. Conversou com Celan. Achava que o pensamento vem da poesia, nasce como nasce a poesia. O poeta vê uma coisa singular, mas avista algo mais amplo. Mas como se dá essa conexão subterrânea? E como se dá a separação entre dois modos tão diferentes de pensar?

– E o que importa isso?

– Para o mundo prático, nada. A questão é saber se há um modo de saber que seja diferente. O senhor sabe como cortar cabelo, mas sai daqui sem pensar nisso. Na universidade se estudam ciências aplicadas, técnicas. A questão é saber se existe um saber que começa depois desse saber. Sua vida não é apenas cortar cabelo. Vai tirar férias em janeiro?

– Vou, vou lá para o interior da Bahia, tenho uma casa lá.

– Então o senhor corta cabelo para não precisar cortar cabelo... kkk.

Por cortesia, o barbeiro retocou minhas sobrancelhas sem barbearagem. Paguei então os R\$ 35,00 pelo serviço prestado. Ah, se eu recebi alguma coisa pela aula? Não, claro que não. Afinal, eu não tinha resolvido nada e o que havia dito não servia para nada...

DOSTOIÉVSKI, SEM MODERAÇÃO

José Anchieta de Oliveira

Terceiro livro de Vera Lúcia de Oliveira, os dois que o antecedem, *O Beijo da Mãe* e *O Beijo de Judas*, excelentes e lúcidos ensaios que estabelecem pontes significativas entre Literatura e Psicanálise, são textos consistentes, substanciosos, mas também leves, claros, elegantes, sem arrogância boba, no dizer acertado de Edmilson Caminha, completado pela não menos certa observação de Dias da Silva: a autora consegue pescar leitores, pela clareza, fluência e plasticidade.

Dona de um estilo sedutor, rico em associações surpreendentes e deliciosas, Vera Lúcia de Oliveira volta, em *Dostoiévski, sem Moderação*, a se debruçar com agudo senso de observação e análise sobre a obra do mestre e gigante da Literatura Mundial russo.

Título inspirado no famoso prefácio que Thomas Mann escreveu para a edição alemã de seis romances do autor russo, em volume único, Vera encara Dostoiévski com determinação e ousadia, em ensaios lapidares, que iluminam e abrem novas chaves de leitura desse admirável escrutinador da alma humana, obtendo um resultado espetacular. Firme e segura, conduz suas análises com mão de mestre. Entrega-nos um mimo.

Dostoiévski povoa o imaginário de Vera Lúcia de Oliveira em toda sua obra de ensaísta, conferencista e estudiosa da Psicanálise. Não deixa de ser curioso o fato de que o último e excelente ensaio do seu *O Beijo de Judas* trate exatamente desse autor e de seu romance *O Duplo*, como a nos indicar o nascimento do precioso livro que o leitor tem agora em mãos.

Esta edição vem acompanhada por ilustrações de Augusto Paiva, o mesmo artista que ilustrou *O Beijo de Judas*. Neste, como naquele, nos dá de presente belíssimas obras de arte.

Minha querida amiga Vera Lúcia de Oliveira tem “nos livros uma das razões de viver” com engenho, arte e extrema sensibilidade, faz-nos sentir “a profundidade das obras e dos autores clássicos” proporcionando-nos “uma agradável e atraente leitura”. Vera nos dá, neste livro, e em tudo que escreve, aquela imensurável alegria do encontro com a verdadeira obra de arte, de beleza, de vida e de encantamento.

Ler *Dostoiévski, sem Moderação* é uma forma de felicidade.



Academia de Letras do Brasil - ALB

A Academia de Letras do Brasil, em reunião de Diretoria de 14 de outubro de 2022, decidiu declarar, nos termos dos arts. 17, parágrafo único, 20, inciso I, 21 e 22 do Regimento Interno, a vacância das seguintes cadeiras:

VII – Lima Barreto; primeira e anterior ocupante: Branca Bakaj;

IX – Da Costa e Silva; primeiro ocupante: João Emílio Falcão;

XVIII – Cassiano Ricardo; primeiro ocupante: Geraldo Pinto Rodrigues; ocupante anterior: Antônio Temóteo dos Anjos Sobrinho;

XX – Cornélio Pena; primeiro e anterior ocupante: Caio Porfírio Carneiro;

XXIII – José Lins do Rego; primeiro ocupante: Lêdo Ivo;

XXV – Emílio Moura; ocupante anterior: Cléa Rezende Neves de Melo;

XXIX – M. Cavalcanti Proença; primeiro e anterior ocupante: Alan Viggiano.

As inscrições serão feitas mediante e-mail dirigido ao Presidente, Marcos Freitas (mfreitas_pi@yahoo.com.br), ou ao Presidente da Comissão Eleitoral, Anderson Braga Horta (bragahorta@gmail.com).

Deverão vir acompanhadas de um curriculum vitae, com a listagem da produção intelectual, e comprovantes representativos da produção literária do candidato.

O prazo para inscrição se encerrará no dia 16/12/2022.

Brasília, DF, 30 de novembro de 2022

Marcos Freitas
Presidente

COMBATE

Cláudio Feldman

A Razão e a Emoção iniciaram nova luta. A Emoção, confiante no ímpeto de seus punhos, desencadeou terríveis golpes, alardes que em qualquer outra adversária significariam aniquilamento completo ou, ao menos, primazia à espancadora.

Porém a Razão, de corpo esquivo e ângulos vulneráveis escudados, aguardou o instante mais oportuno para a ofensiva. Sua resistência aos avanços, a presteza dos aparos, a calma e a segurança ante o furioso e cego ataque da rival, fizeram com que esta começasse a respirar difícil e rápido, com pernas pesadas e lentas.

Então, como um corisco, os punhos da Razão se chocaram repetidas vezes, alternados, contra o peito e a cabeça da Emoção, que, após breve paralisia e turvamento, tombou como um boi na laje do matadouro.

Mann percebeu que a vitória da Razão certamente lhe asseguraria um posto culminante no escritório, que, aliás, ficava no 35º andar.

No cais, porém, enquanto esperava a barca, o simples bailado de uma gai-vota lhe insinuou que a Emoção iria se recobrar para uma desforra.

SUSPIRO

marcos freitas

clarividente, mostro os dentes
é assim que se
atesta a qualidade dos cavalos.

ao primeiro relâmpago
seguro o medo e
aguardo o miraculoso estrondo do trovão.

sorrateiro, murmuro sombras
diante da página branca:
espelho vazio de mim.

o agora longo frio inverno e
de céu azul, em breve explodirá
em flores brancas de cagaitas e ipês.

inocente, irei torcer
pelo fim do desmonte
da nossa frágil democracia.

DISCURSO DE RECEPÇÃO A MARCUS VINÍCIUS FURTADO COELHO NO IHGDF (10.11.2022)

Fabio de Sousa Coutinho

Antes de qualquer outra consideração, devo agradecer ao Marcus Vinícius pelo convite que me enseja voltar a esta tribuna, para proferir uma oração acadêmica. Na outra ocasião em que o fiz, o quarentão IHGDF ingressava no novo século com a perspectiva de nele ser um protagonista ilustre, no ambiente cultural da capital da República. Hoje, quase sexagenária, esta casa de intelectuais já pode vislumbrar sua presença na corrente centúria com o olhar de experiência e saber adquiridos em duas décadas de atuação ativa e proativa na vida de Brasília, assegurando-se um lugar de relevo em nossa existência futura.

Marcus Vinícius Furtado Coelho é maranhense, nascido no médio sertão, em Paraibano, cidade fundada por famílias oriundas da Paraíba, entre as quais, a Furtado de Brito. Ainda adolescente, foi estudar em Teresina, no Instituto Dom Barreto, escola que já há algum tempo se destaca como uma das melhores do Brasil, nas provas do ENEM. Formou-se em Direito pela UFPI, possuindo pós-graduação na UFSC e doutorado pela Universidade de Salamanca, Espanha. Há vinte anos reside em Brasília, onde constituiu família, sendo casado com a Dr^a. Liana do Rêgo Motta Veloso, Procuradora da Fazenda Nacional, com lotação em Brasília há 22 anos; é pai de dois filhos, Mariana e Marcus Lúcio, de 14 e 13 anos.

Em Brasília, Marcus Vinícius exerceu as funções de Secretário-Geral e Presidente da OAB Nacional, respectivamente, de 2010 a 2013 e de 2013 a 2016. Atualmente, preside a Comissão de Estudos Constitucionais do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil e integra o Conselho da Revista do Supremo Tribunal Federal. É Membro Efetivo da Academia Brasiliense de Letras, empossado em 22 de agosto de 2017, com saudação do acadêmico José Sarney. Integrou a Comissão do Senado responsável pela elaboração do Projeto de Lei do atual Código de Processo Civil e o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República. Recentemente, foi eleito para um mandato de 3 anos como representante do Senado Federal no Conselho da República, órgão superior de consulta do Presidente da República, previsto no Art. 89 de nossa Carta Política.

A eleição de Marcus Vinícius para a presidência do CFOAB, aos precoces 41 anos de idade, representa, a meu sentir, o ponto mais alto de uma trajetória acadêmica e profissional marcada por tantas outras conquistas de inegável importância. Sua gestão trienal à frente da gloriosa e hoje nonagenária corporação foi assinada por êxitos singulares, todos voltados para o fortalecimento do múnus público conferido aos advogados brasileiros, a teor do Artigo 133 da Lei Fundamental de 5 de outubro de 1988.

A Ordem dos Advogados do Brasil foi, é e sempre será, impermeavelmente, a contrapartida democrática de toda e qualquer proposta autoritária ou ameaça autocrática com que se pretenda afrontar a estabilidade, a higidez e a segurança jurídica das instituições nacionais. Esse é o extraordinário legado de resistência e resiliência de patrícios da envergadura pessoal, intelectual, política e moral de Miguel e Eduardo Seabra Fagundes, Raymundo Faoro, Mário Sérgio Duarte Garcia, Hermann Assis Baeta, Márcio Thomaz Bastos, para ficar apenas nos nomes de alguns notáveis presidentes que já nos deixaram.

Ao acolher em seus quadros um advogado e jurista com as altas credenciais de Marcus Vinícius Furtado Coelho, o Instituto Histórico e Geográfico do DF ratifica seu compromisso com os mais elevados fundamentos do processo civilizatório brasileiro. Está-se, a rigor, diante de uma daquelas circunstâncias em que a casa que recebe se posiciona tão honradamente quanto aquele que nela ingressa. É, portanto, intuitivo que cabem, aqui e agora, os mais efusivos parabéns ao IHGDF e a Marcus Vinícius Furtado Coelho, este, por tantos títulos e feitos, sendo, também, muitíssimo bem-vindo.

Obrigado.

EPÍLOGO

Helena de Macedo

Tempos houve em que me fizeste chorar, agarrada à almofada ou sentada à frente de uma chávena vazia esperando em vão que entrasses na minha vida.

Andei para a frente e para trás numa linha imaginária sem ver, ouvir ou sentir nada mais além do coração, aos pulos dentro do peito.

Ponderei enfeitiçar-te; prender-te numa teia, labirinto indecifrável. Prender-me também e esquecer o percurso da saída, qual chave da cela de uma prisão. Ficar até o teu amor ser tão grande como o meu. Quem sabe para sempre.

Poderia esperar indefinidamente para te ver por um segundo. Depois abafar a angústia de continuar a viver sem ti e sem querer saber de ouvir a razão. Embrenhei o meu desconsolo nessa novela

vivida na primeira pessoa, o fim antevisto em cada cena.

O vazio no teu olhar acordou-me; o vazio de quem não sabe o que é o toque indelével de um sentimento profundo e me trazia acorrentada a um tudo afinal cheio de coisa nenhuma.

Deparei-me com a dura escolha entre esquecer-te ou desistir de viver. Desejei voltar atrás, nunca te conhecer. Perdida por cem e por mil, empenhei os meus cacós doídos a abdicar de um sonho que nunca seria a dois.

Sem pressa nem atenuantes, faço por acreditar que desaprendo a procurar-te em cada detalhe; que já não te pertencem a almofada nem o lado da cama que aguardavam resignados. Que ouço a “nossa” música, guia dos meus sonhos, sem

me deixar lembrar o quanto dói. Que ao dispor do meu dia não me preocupo se gostarias, se teria de mudar a rotina para te incluir. Que o momento em que a minha vida empalideceu se transforma em lembrança passageira de um tempo a não reviver.

Imagino-me a cada dia mais longe do teu universo inanimado. Ver-te, ou não, há de ser banal; não me serás indiferente porque a meus olhos nada é. Prefiro não saber se um dia lamentares; fui simplesmente mais uma, perdida entre muitas outras escolhas que não mereceram futuro.

Conforta-me a amálgama de cores na alma dispersas, às vezes sombrias outras brilhantes, testemunhas silenciosas de um amado sentir.

POEMAS DE NIRTON VENANCIO

RECALL

Corrigir falhas
detectadas
em peças e sistemas
no lado esquerdo
do peito.

O serviço é gratuito,
mas demorado,
basta o proprietário comparecer
a uma concessionária do tempo
com seu coração
para realizar a manutenção.

BOM DIA

Estou lhe telefonando
porque
passei a noite
sonhando com você
e
seria deselegante
acordar
e não lhe cumprimentar

PARÁFRASE

Quando nasci, um anjo invocado
desses que vivem nos sertões
disse: Vai, Nirton! ser artista na vida.

...

Eu não devia te dizer
mas esse calor
mas essa poesia
botam a gente desprovido como sempre!

MALOGRO

Não sei nadar
nem andar de bicicleta.

Mas sei
abraçar
caminhar ao teu lado
e escrever poemas para atravessar os dias.

Para alguma coisa servem as minhas inutilidades.

DONA BEJA EM CUBA

Marcos Silvio Pinheiro

O socialismo cubano valoriza as formas de cultura popular e toda população tem acesso à dança, à música, à literatura, ao cinema e ao teatro. O cubano gosta de música, cerveja, rum e de dançar – *É o país mais dançador do mundo*. disse o escritor Gabriel Garcia Marquez. A presença cultural brasileira é muito forte na Ilha. Chico Buarque, durante algum tempo, levou vários músicos brasileiros à Cuba. Assim, se manifestou o artista cubano Silvio Rodriguez: *Chico Buarque es un gran artista brasileño, latino-americano y del mundo. Lo es por sus piezas de teatro, por su poesía, por su música, por sus novelas y por su forma de cantar*. A música de Chico, Martinho da Vila, Gil, Milton, Djavan, Roberto Carlos, entre outros, é bem divulgada por lá. Para Martinho da Vila, *A música cubana é uma coisa que tem muito a ver com o Brasil. Tem os traços muito semelhantes na percussão, no canto e na ginga do bailado. É claro, a raiz é uma só: a África*.

Igualmente na Literatura, os autores brasileiros são bem conhecidos pelos cubanos. Em 2019, testemunhei a distribuição da *Antolo-*

gia Poética, de Carlos Drummond, para toda a rede de Ensino do país. Publicações das obras de Machado de Assis, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Clarice Lispector, entre outros, são encontradas nas livrarias da Ilha, a preço populares. Filmes brasileiros participam, anualmente, dos festivais de cinema cubanos. Entretanto, são as nossas telenovelas que atingem um público maior.

Janeiro de 1989, eu estava em Havana participando de um Congresso Internacional sobre Educação. O grande espetáculo, na Ilha, era a novela “Dona Beja”, à época, da Rede Manchete de TV. Às 19h, o país silenciava para ver a atriz Maitê Proença, nua, banhar numa cascata. Os cubanos são simpáticos, gentis, gostam de papear e muito curiosos a respeito do Brasil. Em função da novela, havia um grande interesse deles em conversar com os brasileiros. Confessei ao garçom Benito Fernandez, do Hotel Presidente, sobre eu ter nascido em Paracatu do Príncipe. Benito era estudante de História e sua dissertação de mestrado tematizava sobre o Ciclo-do-Ouro, em Minas. Tornamos-nos amigos e ele me convidou para um bate-papo com

os estudantes da Universidade de Havana, pois lá existia um Grupo de Estudos Brasileiros. Esperava um papo informal, com 4 ou 5 estudantes e, para minha surpresa, deparei com mais de 100 estudantes, num auditório. Discorri sobre as Minas e os Gerais, sobre Paracatu e o Ciclo do Ouro, mas o que mais lhes interessava era a história de Dona Beja. E sobre ela, acreditem, eles estavam mais atualizados do que eu! Isto porque eles acompanhavam a novela e eu, não. Relatei ser ela uma cortesã muito bonita, que morava num sobrado, no Largo do Santana; preservado até hoje, e que um de seus amantes, era um padre. Creio que frustrei a expectativa.

No dia seguinte, comemoração do 30º aniversário da Revolução Cubana, Fidel discursou durante 5 horas para um público de 1 milhão de pessoas, na Praça da Revolução. Depois de atacar o imperialismo norte-americano, citou a novela *Dona Beja*, como exemplo cultural por *la unidad de latino-america*. El Comandante disse, ainda, que *Dona Beja* era uma *mujer bela y sedutora* - só não sei se ele estava se referindo à própria ou à Maitê Proença.

A BAILARINA

Arlete Sylvia

Dedicado à minha neta bailarina,
Marcela.

Quase todas as meninas quando crianças e perguntadas o que querem ser no futuro, logo respondem:

QUERO SER BAILARINA.

Realmente, o ballet clássico é belíssimo. Assistir a um espetáculo nos transmite muita paz, pois a bailarina com sua leveza parece um pássaro voando, uma pluma, uma folha solta ao vento. Além do que, não se limita apenas a dançar, ela tem sempre que interpretar um personagem. Toda e qualquer apresentação de ballet conta uma história, como

COPPÉLIA

Composta por Léo Delibes e coreografia de Arthur Saint-Léon. A história foi escrita por Saint-Léon e Charles Nuitter. Coppélia nasceu a partir de um conto de E.T.A Hoffmann e estreou em 1870. É um conto de luz, arte e vida. É um ballet de estilo camponês cômico e brilhante.

PETER PAN

É um ballet maravilhoso para toda a família, que apesar de ser novo no mundo do ballet é considerado um clássico. Várias companhias de ballet mundo afora já montaram suas versões da história.

A BELA ADORMECIDA

Baseado no conto de Charles Perrault, foi o primeiro ballet musicado por Tchaikovsky. A música era tão importante como a dança, uma união perfeita para o ballet.

Celebrações em um Castelo, uma batalha do bem e do mal e a vitória do amor eterno. A coreografia foi criada por Marius Petipa, que também coreografou o Quebra-Nozes e o Lago dos Cisnes.

QUEBRA-NOZES

Composto por Tchaikovsky em 1892. Este ballet, coreografado por Lev Ivanov, tem músicas conhecidas e é uma história de Natal que alegra crianças e adultos.

O LAGO DOS CISNES

Ballet dramático em 4 atos, também composto por Tchaikovsky. Coreografado por Marius

Petipa e seu pupilo Lev Ivanov, é um dos mais conhecidos e populares. Por isso sempre será considerado o padrão dos ballets clássicos ao longo dos séculos.

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

Um clássico de Shakespeare que serviu como base para o ballet de George Balanchine. Com música de Felix Mendelssohn, o ballet sempre agrada a todo público.

CINDERELA

Existem várias versões de Cinderela, mas a referência principal é a de Sergei Prokofiev. Seu trabalho começou em 1940, porém por conta de outros compromissos durante a II Guerra Mundial, que o obrigaram a fazer uma pausa, ele só conseguiu concluir em 1945. Cinderela é um lindo ballet que merece toda a nossa admiração.

GISÈLLE

Sendo um dos mais importantes e populares ballets, está entre os preferidos do mundo da dança. Com música de Adolphe Adam e coreografia de Jules Perrot e Jean Coralli, é um ballet em 2 atos: o primeiro em estilo camponês e o segundo, um ballet branco. É um ícone do romantismo no ballet.

A bailarina tem treinos diários, muitos e muitos anos de dedicação e deve ter disciplina 24 horas por dia. Os ensaios e repetição de passos visam a alcançar a perfeição. Dieta alimentar para manter o peso e a força adequados e ainda estudar a história, metodologias e os grandes ícones do ballet para representar seus personagens.

E as lindas sapatilhas de ponta exigem muito treino com sapatilhas de meia ponta inicialmente, para adquirir força suficiente para usá-las. A dedicação às aulas de ponta podem trazer segurança e transformar uma menina em uma verdadeira bailarina.

Mesmo com toda aquela beleza nos palcos, ninguém imagina como sofrem os pés da bailarina. No entanto, isso não impede que ela transmita toda a sua emoção. Ela tem que se manter linda, dentro do seu personagem, para emocionar o público.

A bailarina é feliz em sentir seu sonho realizado, isso é o que importa.

Muitas vezes, mães, pais, irmãos, avós e amigos chegam às lágrimas e oram para que aqueles momentos inesquecíveis se perpetuem.

NENHUMA POESIA NO REAL

Noélia Ribeiro

Para fazer um poema, o poeta escava palavras nas fissuras. As paredes internas possuem algumas. A TV aponta milhares de mortos pelo vírus. O bem-te-vi dá uma palinha do que o real seria se não fosse o que é. As formigas antifascistas trabalham juntas. Os porta-retratos resguardam epopeias. Os desafetos estalejam sob o piso. O poeta escreve, escreve, escreve. Arruma e desarruma versos. Abre e fecha dicionários e saídas. E sorri para o poema quase infalível. À noite, ele ouve a nota subitânea: Enquanto Mirtes segurava uma coleira, seu filho de 5 anos caía do nono.

O poema desencarna. O poeta perde o sono.



TENHO VONTADE DE VIVER

Váldima Fogaça

A minha alma quer acordar em silêncio;
Ela precisa respirar pausadamente...
(...)
Ela não quer ouvir o som daquelas buzinas;
Quer apenas aspirar a luz do despertar do dia.

Minha alma dorme sozinha,
Ela viaja nos sonhos, ri nos sonhos,
Vaga perdida em muitas noites,
Mas minha alma sonha em recomeçar.
Ela quer viver mais. Vontade de ser feliz

Recordo. Saudade:
Minha rua tinha lua
E felicidade.

Benedito Pereira da Costa
★ 1945 † 2022

FILHA DO SOL DO EQUADOR

Enéas Athanázio

Vários livros de valor têm batido à minha porta aqui neste cantão de praia onde resido. Quatro deles são oriundos da região do Meio-Norte, mais especificamente de um de seus componentes – o Piauí. É tão surpreendente e variada a produção piauiense na área das letras que não me canso de ler e comentar as obras que de lá recebo. Lamento apenas que minha voz seja fraca, sem esses alcances, para que o restante do Brasil, em geral desinformado, tome conhecimento dos romancistas, contistas, cronistas, ensaístas, críticos, poetas e historiadores do Estado banhado pelo majestoso Parnaíba, o “Velho Monge”.

O primeiro deles é *Geografia e História do Piauí para Estudantes*, livro-álbum em tamanho grande, com os fins didáticos propostos pelo título, mas que supre de conhecimentos os que não sabem e vale como recapitulação aos que conhecem. Bem pesquisado e ilustrado, escrito em linguagem clara e precisa, contém uma súpula tão completa quanto possível do Piauí, desde a pré-história até a atualidade. Aspectos fisiográficos, divisão administrativa, regiões e microrregiões, clima, vegetação, indústria, agricultura, comércio, o meio, o homem, a pré-história, a história, os índios, as figuras emblemáticas da colonização (o vaqueiro, o escravo, os jesuítas), as lutas da colonização e da independência, até atingir o estágio atual, — o Estado do Piauí, — com sua conformação singular, o povoamento sul/norte, a transferência da capital, a população de hoje, economia, ciência, artes, inclusive a literária, e os inevitáveis enlevos da política. Sem omitir personalidades importantes, episódios marcantes (incêndios de Teresina, enchentes, secas periódicas etc.) e os expoentes da área cultural, símbolos locais e manifestações folclóricas. Tudo embasado em boas fontes e numa ampla bibliografia, de maneira a fornecer informações completas ao leitor interessado. Trata-se, pois, de excelente contribuição ao conhecimento do Estado e, para mim, à distância, para unificar conhecimentos esparsos e rever eventuais equívocos.

Dois livros são de autoria de um historiador, de cuja pena profetizei que sairiam muitas contribuições ao seu Estado e ao país. Refiro-me a *Piauí em Foco e Bertolândia – História, Meio e Homens*, ambos de Reginaldo Miranda. No primeiro, dividido em três partes, aborda os fatos da história e da realidade piauiense, os livros e outros temas e os vultos de ontem e de hoje na trajetória do Estado. Os vaqueiros que iniciaram o povoamento, as trilhas da morte, a vida dura no sertão, as grandes secas, o surgimento das vilas, a reação dos indígenas, a cabotagem, o feudo e outros tantos aspectos são episódios repletos de vida e interesse. A súpula biográfica dos vultos eminentes da história registra os traços de suas personalidades e a contribuição de cada um. Embora lastreado em muita pesquisa, o autor não se enreda em detalhes dispensáveis e sabe construir uma história cheia de vida e com a presença de gente, tão diferente do que costuma ocorrer em tantas obras convencionais do gênero. O segundo volume, publicado em nova edição, ampliada e atualizada, empreende o levantamento do passado histórico de Bertolândia, antiga Aparecida, a cidade natal do autor. É também um trabalho minucioso e recheado de informações que vale como ensinamento e homenagem.

Para concluir, registro aqui o livro *Caracol na História do Piauí*, agora lançado em sua quarta edição, fato que constitui, por si só, um grande feito entre nós. Seu autor foi o saudoso escritor William Palha Dias, bem conhecido dos que se envolvem nestas coisas de letras, romancista, cronista, historiador, documentarista, cujas obras já tive ocasião de comentar mais de uma vez. Neste volume, de excelente feição gráfica, o autor descreve sua terra natal desde os primórdios até os dias de hoje, destacando a origem, o povoamento, a exploração da maniçoba, a luta pela lagoa, a construção do açude, as personalidades, os azares da política e muitos outros aspectos dessa cidade que lhe serviu de berço.

Todos são trabalhos que exaltam a sofrida luta de um povo corajoso e denodado, decidido a batalhar sem descanso pela terra que é “filha do sol do Equador”, para usar as palavras de Da Costa e Silva, inscritas no hino do Piauí.

POEMAS DE ALAN VIGGIANO

★ 1932 - † 2022

VOLTA A BRASÍLIA

Da cidade geométrica
sinfônica e patética
o matutino esplendor.
Ainda gritam céus e maios
em crepuscular estertor.

A cidade nasce
como o universo nasceu:
vermelhos sóis explodindo,
explodindo, explodindo...

Da minha cápsula
de troglodita urbano,
assisto ao genesiaco
e mergulho, resoluto,
no atômico.

Da cidade geométrica,
sinfônica e patética
o noturno esplendor.

Inda gritam céus e maios
em crepuscular estertor.

GEÔMETRA

Minha vida gira
em ritmo de espiral
ascendente.
Preso ao fatalismo
da mecânica.

Numa dessas voltas,
julguei tangenciar
a felicidade.
E seguimos juntos
paralelamente,
unidos por um só traço
no rumo do infinito
onde nossas cabeças
muitas vezes se tocaram
e teus olhos
exercitavam o ofício de estrelas.

A força centrípeta
chegou com a madrugada.

TODO O MEU AMOR DEI A MUNDINHA BRITO

José Peixoto Jr.

(acróstico mesóstico)

Tive a ventura de	Amar e de ser amado,
Orgulha-me dizer,	Marcou-me a mocidade,
Deixando relevante	Um ponto no passado
Onde aninhou-se, enfim,	Nossa felicidade.
Médio tempo passou	Desde que nos foi dado
Enlaçar o destino	Imenso em nossa idade
Um ao outro de nós	No amor acorrentado
A sorte a nos sorrir	Honra a nossa amizade.
Marchávamos com fé,	Alegres, pois a vida
Olhou-nos com o mais	Bonito e convergente
Raio de promessa	Rumamos para a lida.
Doando-nos a nós	Impando de fervor.
Enfrentamos tufões.	Temos tido presente
Indissolúvel laço	Orvalhado de amor.

BODAS DE ALFAZEMA

Em data inesquecível, o vigário
abençoa a união sacramentada
para a vida a dois, a seis, a dez,
a cinco, por gerações;
a felicidade se confirma
nestes setenta e sete anos.

Para nós a felicidade,
Que é tão cheia de matizes,
Consiste, na nossa idade,
Em ver os filhos felizes.

Alfazema no verdor da sua
exuberância rompe-se em espigas azuis,
também violetas, espalhando forte odor
canforáceo na florescência de setembro.

CERVEJA INGLESA

Danilo Gomes

No seu livro de aventuras *O fantasma de Sandokan* (trad. de Godofredo Rangel para a Coleção Terramarear da Cia. Editora Nacional, 3ª ed., 1984), o italiano Emilio Salgari faz uma brincadeira com os ingleses, fleugmáticos ou mais expansivos. Assim entendo a passagem. À pág. 24, o personagem Yañez pede ao seu criado Mutri: “Traz-me cerveja inglesa, Mutri; é a única coisa boa que a Inglaterra sabe fazer.” E a emborcou com gosto de velho marinheiro e pirata.

Na sua notável obra *A ira de Deus – O grande terramoto de Lisboa – 1755* (em Portugal é terramoto, no Brasil é terremoto), o inglês Edward Paice, à pág. 42 da 2ª ed. portuguesa, Casa de Letras, Lisboa, 2010, escreve:

“Não existiam clubes, havia poucos entretenimentos do gênero dos que estavam na moda em Londres e, para os que chegavam vindos de uma cidade com 6.000 cervejarias e 9.000 lojas de bebidas e um consumo médio entre a população – adultos e crianças – de um litro de gim por semana, Lisboa parecia, aos olhos do inglês comum, quase seca.”

Sabe-se que cerveja é uma bebida de tempos mui remotos, como o vinho, que embriagou Noé, segundo as Escrituras. Os antigos romanos dos tempos dos reis, imperadores e cônsules já bebiam cervicia. Recentemente arqueólogos e cientistas da Academia Austríaca de Ciências

analisaram grãos de cereais e constataram que a bebida já era produzida na Europa havia mais de 6 mil anos, ainda no período neolítico, ao mesmo tempo em que o produto se desenvolvia na Suméria (onde hoje está o Iraque) e no Egito. Inicialmente, a cerveja pode ter sido usada em procedimentos ritualísticos — dizem os estudiosos da matéria.

A produção da cerveja começou simultaneamente em várias regiões do globo, vale dizer, no Egito, na Suméria, na Itália, na Suíça, na Alemanha e em várias outras regiões.

Gravuras egípcias dos tempos das dinastias faraônicas relatam o contato do povo com uma bebida desconhecida e diferente de tudo que existia. Era a cerveja, que a rapaziada de hoje chama de cervia...

Segundo Kathia Zanatta, sommelière e co-fundadora do Instituto da Cerveja, os povos antigos descobriram que era possível usar grãos, cereais e frutas para muitas coisas, além da comida. Ela ensina: coletar grãos era uma tarefa de mulheres, que podem ser consideradas as “criadoras” da cerveja. Foi o que aconteceu com a uva. E foram surgindo, quanto à cerveja, aperfeiçoamentos, como fermentação e malteação. O povo bebeu vinho, bebeu cerveja – e gostou. E depois veio a geladeira, veio o chope...

Com todo o respeito aos honrados produtores de cerveja da Grã-Bretanha (“God save

the Queen!” sou admirador da Rainha Elizabeth II), prefiro as nacionais mais leves da indústria cervejeira tradicional. Ou um bom chope tradicional, como o da Toca do Chope, do Claude Capdeville, na Quituart, aqui no Lago Norte, em Brasília, onde se pode comer um ótimo pastel de angu bem mineiro, com fubá de milho vindo de Viçosa, MG, terra do Claude e sua mulher, Lana. Não é, grande cronista Paulo Pestana? (Aviso aos navegantes, digo, aos patrulheiros sempre de plantão: pelo “comercial”, juro que não estou ganhando um vintém, um tostão furado, nem um chope, nem um pastel de angu, já ouviram?)

No mais, política, gosto, cor, opções sexuais, time de futebol, religião são temas que não se discutem: podem dar briga. Esse negócio de doutrinação política ou religiosa e patrulhamento ideológico só desanda em litígio e confusão. Melhor evitar e mudar de assunto, falar sobre o tempo, a chuva, o calor, o frio, a lavoura, cachorro, árvore, passarinho, viagem a Marte. Melhor beber uma cerveja (inglesa ou não), um chope, lendo um jornal ou proseando com os amigos, numa noite sossegada ou numa animada e ensolarada manhã de sábado ou domingo. Vamos deixar a infundável brigalhada para a guerrilha das redes sociais... Ainda mais neste ano político de 2022.

– Garçom, mais uma caneca de chope, por favor!

JÔ, AO CUBO

Gilmar Duarte Rocha

Há pessoas que nascem polímatas. Indiscutivelmente. Algumas já demonstram desde cedo as suas incriveis habilidades no campo das letras, artes, ciências e áreas afins. Outras vão apresentando o seu leque de aptidões ao longo do tempo, como se guardassem sempre uma carta dentro da manga, para apresentá-la na hora certa e no tempo devido.

José Eugênio Soares, ou Jô Soares, nascido no Rio de Janeiro em 1938 e falecido recentemente (5.8.2022) na cidade de São Paulo, poderia se enquadrar na segunda categoria, composta de homens/mulheres que nascem com grande talento para as artes e que vão dispendo o seu cardápio de prendas paulatinamente ao longo do tempo.

Filho único de um próspero empresário paraibano, de linhagem nobre, com ancestrais que ostentaram título de nobreza durante o Brasil-Império, mormente na área da diplomacia, Jô, desde pequeno, decidiu que queria ser diplomata. Após realizar o curso básico e fundamental no Colégio São Bento, no Rio de Janeiro, mudou-se para a Suíça para estudar no Lycée Jaccard, na cidade de Lausanne, e especializar-se no mister das relações internacionais.

Após a conclusão do curso suíço, retornou ao Brasil com a cabeça embaralhada e com o pressentimento de que o seu futuro estava ligado às artes. No início dos anos 50, com o advento da televisão no Brasil, Jô, que tinha uma forte tendência para o lado humorístico, entrou para o elenco da Praça da Alegria, na TV Tupi, onde trabalhou por cerca de dez anos. Entrementes, fazia incursões na música, especialmente na área do jazz, ritmo que adorava e idolatrava. Fez, também, participações no cinema e retornou em seguida para a TV para brilhar de vez como comediante. Primeiro com uma passagem de relevo no programa “A Família Trapo”, da TV Record, ao lado do talentoso Ronald Golias.

Depois, já década de 70, transferiu-se para a Globo onde estreou no programa “Faça Humor Não Faça Guerra”, ao lado de grandes artistas do ramo. Mais tarde, assume um papel ainda de maior relevância no humorístico “Satiricon”, da mesma TV Globo. Mas a sua verve criativa explode de fato quando a emissora do empresário Roberto Marinho resolve criar um programa exclusivamente para ele estrelar como protagonista, chamado e consagrado como “Viva o

Gordo”, onde Jô destila toda a sua criatividade dando vida a personagens cômicos inesquecíveis, quase todos fazendo críticas veladas, sob a forma de humor, ao regime militar de exceção. O sucesso e a celebridade chegaram de vez.

Quando todos esperavam que Jô passasse os seus dias de artista criando e dando vigor a personagens cômicos ou fazendo apresentações de teatro no estilo stand-up, eis que, no fim dos anos 80, ele faz um giro de 360°, muda de emissora, migrando para a rede SBT de Silvio Santos, e estreia o primeiro programa genuíno do gênero talk show no Brasil, de nome “Jô Soares, onze e meia”. Esse estilo de quadro de entrevistas, que mescla humor e música, criado a partir de similares americanos como “Dick Cavett Show”, ganha um contorno muito especial com a espiritualidade e o talento genuínos de Jô para a comédia e para a música. A partir do ano 2000, a Globo resgata Jô para fazer o mesmo tipo de programa, agora com o nome de “Programa do Jô”, onde o seu sucesso perdura e se consolida nas madrugadas do Brasil afora até o ano de 2016, quando resolveu se aposentar de vez da televisão.

Todo esse êxito de Jô, seja nos quadros humorísticos, seja nos programas de entrevista, se deve, principalmente, à sua mente multifacetada, recheada de informações, ideias, inteligência, criatividade e muita cultura, o que permitiu que ele nos brindasse com mais uma de suas singularidades: escritor de romance policial.

Jô Soares, no princípio de sua carreira na TV, já havia escrito e publicado alguns livros baseados em humor (e outros temas) e que não fizeram muito alarde nem tinham conteúdo para isso. No entanto, em 1995, ele lança pela Companhia das Letras o seu primeiro romance policial chamado *O Xangô de Baker Street*, que agrada em cheio o público aficionado por esse tipo de livro, como também a crítica de um modo geral, fazendo com que o seu primeiro produto literário de expressão ganhasse a condição de best-seller. O romance é uma história simples, mas azeitada pelo tempero picaresco do autor, que mescla Sherlock Holmes, Dr. Watson (personagens consagrados do escritor britânico Arthur Conan Doyle) com Dom Pedro II e outras figuras do império, tudo para narrar a investigação do sumiço de um valioso violino da marca Stradivarius, bem como o assassinato de uma moça, em cujo corpo mórbido havia uma corda de violino emaranhada.

O sucesso do livro incentivou o agora também escritor de fama a publicar em seguida três grandes livros, todos seguindo a linha dos romances de suspense e mistério como *O homem que matou Getúlio Vargas*, *As esganadas* e *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras*, sempre pela Companhia das Letras.

Aliás, integrar o quadro da Academia Brasileira de Letras passou a ser uma obsessão de Jô e, após digladiar algum tempo com alguns literatos pelo posto, desistiu do desejo, talvez sentindo falta de apoio, e faleceu sem realizar o sonho de se tornar acadêmico, galardão que cabia com sobras dentro da sua genialidade.

MANUEL BANDEIRA

Sânzio de Azevedo

Bem-nascido tu foste. Mas os fados arrancaram-te os sonhos sem clemência: tiveste de cercar-te de cuidados que o rumo te mudaram da existência. E por acreditares que esta vida nada mais é que agitação feroz e que não vale a dor de ser vivida, recolheste-te humildemente. E, a sós, erigiste Pasárgada, e a poesia foi-te fatalidade e salvação: a vida que não foi não mais seria, Mas às mãos te ficou da arte o condão. E enquanto os teus dormem profundamente, não morrerás jamais completamente.

O LIXO

Ronaldo Costa Fernandes

Pulou-me a poesia tempestuosa e gosmenta e, de dentro de tanta impureza, separei o trigo e fiquei com o joio; desperdicei as pérolas e fiquei com os porcos.

Descobri que o melhor de mim não é o ódio, nem minha cachaça, o melhor de mim é meu lixo úmido, abjeto, rugiente e sufocante como uma bola de papel na garganta da vida.

INDIGNAR-SE... POR QUÊ?

sônia helena

Diante de tanto escândalo, a cada dia um novo, fico me perguntando:

– Onde foi parar a capacidade de indignação do povo brasileiro?

Buscando a resposta a essa pergunta, vejo que tal capacidade foi perdida há muito tempo. Se é que existiu um dia...

Todos, em todas as rodas, a qualquer hora, põem-se a falar mal dos políticos. O profundo desencanto com as instituições, particularmente com os poderes constituídos, é cada vez maior.

Não há quem não ouça, hoje em dia, várias vezes, de diversas maneiras, que não se pode confiar nos homens públicos, que não há político honesto, que a política é uma sujeira só, e por aí vai...

Será que é assim mesmo? Será que não somos nós, sociedade brasileira, que nos deterioramos a ponto de não conseguirmos criar uma representação política que não essa, a nos mostrar, cada vez mais, que não só o rei, mas toda a corte está nua?

Será que, desde pequenos, não estamos forjando (até a palavra é dúbia) essa consciência coletiva desfocada? Será que não cresce conosco uma conivência (outra palavra ambígua) nefasta e venal com as “pequenas faltas”, como se não fosse o princípio e sim o volume que definisse a ética e a moral?

Quem não cola não sai da escola implica o mesmo conceito de que não se faz política sem sujar as mãos. A burla é a mesma. No entanto, aceitamos, naturalmente, e boa parte das “pessoas de bem” praticou, em algum momento, essa máxima estudantil, até se vangloriando das infinitas formas engenhosas e criativas de preparar a maneira mais ousada de levar o tema a ser copiado na prova, sempre às escondidas, outra coisa a exigir “sacadas” geniais de burla ao professor.

Ao aceitarmos que nossos filhos, geralmente na adolescência, quando têm pressa de experimentar o mundo, usem a “carteirinha” alheia de estudante, do clube, ou de sei lá o quê, para participar de eventos a eles ainda vedados, não estamos sendo coniventes com a tal “falsidade ideológica”?

Ao reclamarmos do troco a menos, mas fecharmos os olhos ao troco a mais:

– Afinal, ele cobrou assim porque quis, eu me dispus a pagar o valor pedido...

Não estamos, também nós, nos apropriando indevidamente do que não é nosso?

Quando deixamos nossos filhos dirigir sem carteira de motorista, antes da idade permitida por lei:

– Mas não há problema. Eu que o ensinei a dirigir. Ele só dirige em lugares de menor trânsito e sempre com muito cuidado...

Não somos, nós e eles, delinquentes ou, no mínimo, infratores da lei, uma forma mais sutil de dizer quase a mesma coisa, como um drible à nossa consciência?

E vamos acumulando desculpas e justificativas para as nossas sucessivas burlas.

Quando paramos em fila dupla, desrespeitando o direito de qualquer cidadão de usar uma vaga ou retirar o seu carro de outra; quando paramos na faixa de pedestres; quando ultrapassamos a velocidade permitida ou avançamos o farol vermelho, não estamos transgredindo?

Quando pedimos ao guarda para “aliviar esta”, por estarmos sem cinto de segurança, com a carteira de motorista vencida ou sem o documento do carro, não estamos, também nós, sendo corruptores?

– Ah, mas é diferente! Não estou prejudicando ninguém. Será que não?

Quando deixamos de declarar nossos rendimentos à Receita Federal ou de emitir um recibo ou nota fiscal, ou, ainda, quando negociamos com nosso médico, dentista, psicólogo, terapeuta, arquiteto, personal trainer o pagamento sem recibo para “ficar mais em conta”, não estamos sendo desonestos?

– De modo algum! Se eu tivesse certeza de que o dinheiro seria bem aplicado, não me importaria de pagar.

Mas nossa carga tributária é enorme e o governo não sabe usar o dinheiro...

Penso que não é preciso continuar. O sem-número de situações em que vamos nos desculpando, dosando nossas “pequenas faltas”, absolutamente perdáveis, porque “menores”, vai, aos poucos, nos anestesiando e entorpecendo, até o ponto em que hoje chegamos a esta terra Pindorama.

Não se distingue mais quem é quem. Todos estão no “mesmo saco”. Tudo é normal, tudo é aceitável...

– Afinal, de que adianta eu não fazer, se todo mundo faz?...

Com certeza, Diógenes teria muito mais trabalho e gastaria todo o seu estoque de luzeiros, antes de poder dizer seu Eureka por aqui.

Apenas penso que precisamos acordar. Não é possível pensar uma Nação sem povo. Não existe um Povo sem a capacidade de se indignar!

A ORQUÍDEA

Basilina Pereira

A orquídea, todos sabem, vem das matas, enflorêsce, enobrece a primavera, traz perfume, revela a forma inata e fulgor que reduz qualquer espera.

No orquidário, reluz assim: cascata de nuances que até se faz quimera, seu labelo enfeitada e arrebatada a graça de outra flor. Também pudera!

Seu cultivo é sensível, mas compensa todo esforço e desvelo dispensado, no trato regular, requer pendor.

Suas pétalas trazem cor intensa, as sépalas se fecham com cuidado e a natureza exhibe um esplendor.

SAGRADO

Glauber Vieira Ferreira

Toda noite antes de dormir eu me ajoelho frente à pequena cama onde meu filho sonha.

Eu o beijo suave no rosto, com o amor que se dedica ao sagrado.

A gente perde um pouco do divino à medida que cresce.

Tesouro enterrado sob camadas de tristezas, dúvidas e frustrações durante a vida.

De joelhos frente a ele, sabendo que alguém me vê como modelo, é como se eu recuperasse um pouco da centelha divina de que necessito.

Talvez eu ganhe mais que ele: ele, dormindo, rodeado de sonhos. Eu, consciente, rodeado de amor.

Tão pequeno, mas maior que a gente.

DE CACHORROS E DE CACHORRADAS, NO BOM SENTIDO

Edmílson Caminha

Por maior que seja o bandido, nunca o chamo de “cachorro”, nem de “cachorrada” a patifaria que cometa. Não por temor de ofendê-lo, mas por respeito a esse belo animal, disfarce de Deus quando passeia entre os homens, indiferente à ironia de que, em português, seja “cão” um dos muitos nomes dados àquele que nos atenta...

Impressiona-me a fidelidade comovente dessas criaturas ao dono mais pobre, que com elas só tem a partilhar a fome, a solidão e a tristeza. Jamais soube de um vira-lata que abandonou o sofrimento do mendigo pela proteção do burguês da casa em frente, onde reina uma cadelinha jeitosa que lhe povoa os sonhos...

Quanto à inteligência, não perdem para a maioria dos políticos, como prova o cachorro lembrado por Ignácio de Loyola Brandão no excelente *A morena da estação* (São Paulo : Moderna, 2010). Com pontualidade rigorosa, chegava todo dia à Estação Frederico Alves, no interior paulista, e embarcava não em qualquer trem, mas no que o levaria a Catanduva. Pulava para dentro do vagão-restaurante, comia tudo que lhe dava o garçom e saltava no destino, onde aguardava, sem erro, a composição que o levaria de volta. Somava, assim, o prazer gastronômico ao gosto por viagens, a exemplo dos bons turistas...

Há os que vêm ao mundo com uma espécie de destino literário. Como a setter Mila, de Carlos Heitor Cony, que, devotada e silenciosamente, acompanhou a feitura do seu belo “Quase memória”, a dar o apoio e o carinho que alimentavam a inspiração do escritor. Assim, também, Dilermando, “a pessoa mais pura de Nápoles”, que Clarice Lispector, quando lá vivia, encontrou na rua e levou para casa: “Quando eu estava escrevendo à máquina, ele ficava meio deitado ao meu lado, exatamente como a figura da esfinge, dormitando. Se eu parava de bater por ter encontrado um obstáculo e ficava muito desanimada, ele imediatamente abria os olhos, levantava alto a cabeça, olhava-me, com uma das orelhas de pé, esperando. Quando eu resolvia o problema e continuava a escrever, ele se acomodava de novo na sua sonolência povoada de que sonhos – porque cachorro sonha, eu vi. Nenhum ser humano me deu jamais a sensação de ser tão totalmente amada como fui amada sem restrições por esse cão.”

Curiosa, também, é a milenar vocação canina para as artes cênicas, como se lê nos *Ensaio*s de Montaigne: “Não é de esquecer o que nos conta Plutarco de um cachorro que viu em Roma, no Teatro Marcelo, onde se encontrava o Imperador Vespasiano. Pertencia a um mágico, e desempenhava um papel em determinada peça teatral. Entre outras coisas, cabia-lhe fingir-se de morto, durante algum tempo, por haver engolido certa droga. Depois de comer o pão que simulava o veneno, punha-se a tremer, a vacilar, como se tomado de tonturas, e afinal deitava-se no chão, esticado, morto, deixando-se arrastar de um lado para outro, segundo as exigências do enredo. Em seguida, quando calculava que era chegado o momento, principiava a mexer-se devagar, como se despertasse de um sono profundo, erguia a cabeça e olhava para todos os lados, de um modo que pasmava os espectadores.”

Ariano Suassuna, em depoimento a Vladimir Carvalho no filme “O engenho de Zé Lins”, conta que dirigiu, quando moço, a peça *Antígona*, interpretada por estudantes de Pernambuco. Na noite da estreia, segundos antes do diálogo da personagem-título com Creonte, um cão entra no palco, fica entre os dois e põe-se a acompanhar o que dizem com toda a atenção, a virar a cabeça para um lado e para o outro. No fim do

espetáculo, os elogios são muitos: “Genial, Ariano, a ideia de introduzir o cachorro: funcionou bem!” E a surpresa, ante a afirmação do diretor de que o bicho atuara por conta própria, não pertencia a ninguém do grupo, aparecera do nada...

No Rio de Janeiro da década de 1960, o restaurante Jangadeiro costumava reunir atores e público do Teatro de Bolso, em Ipanema. Um vira-lata da região já se fizera conhecido pelo cuidado com que atravessava a Rua Visconde de Pirajá: olhava à esquerda, à direita e esperava o melhor momento para cruzá-la, por entre carros e ônibus que trafegavam em mão dupla. Barbado – esse o nome que ganhou, referente aos pelos compridos – passava muito bem. Comia filé e pizza, bebia cerveja a balde e tinha gratidão por quem lhe bancava a mordomia: de madrugada, acompanhava os bêbados até à portaria dos prédios onde moravam, sem que se saiba de algum que tenha dormido na rua, por falta de amigo que o socorresse por entre a névoa do porre e o drama da ressaca...

O grande problema de uma peça que se apresentaria no Teatro de Bolso era a cena em que um cachorro (adestrado, naturalmente) deveria atravessar o palco, depois de determinada fala. Sem que houvesse cão nem dinheiro para ensiná-lo, um ator teve a ideia luminosa: “Barbado!” Outro, porém, lembrou que o “cliente” do Jangadeiro só atendia pelo nome, que não poderia ser pronunciado mesmo em surdina, tão minúscula era a casa de espetáculos. A solução demorou, mas saiu: já que “Barbado” consumia cerveja como se fosse água, era só colocar um recipiente com o produto no lado oposto àquele em que se encontrava o “artista”. No exato momento em que deveria aparecer, “Barbado” surgia e dava o primeiro passo em direção ao sucesso (e à bebida que entornava como gente grande). Assim foi durante toda a temporada, em que o coadjuvante não faltou um dia sequer, e entrava precisamente na hora, para a admiração da plateia...

Dirigido por Ariano Suassuna no Recife, consagrado em Ipanema, os cachorros merecem respeito, pelo misterioso dom com que sentem no teatro a razão da vida e a grandeza dos homens, tão pobres quando saem de cena...

Que sejam, pois, bem tratados e queridos, mas sem os exageros da jornalista carioca Lya Cavalcanti. Era tal o amor que lhe despertavam – principalmente os vira-latas soltos nas ruas – que costumava dizer-se ocupante de uma vaga de canil, pois os 30 cachorros de que era dona quase a expulsam do apartamento onde morava, no Cosme Velho. Os bichos emporcalhavam tudo, da dedicatória com que Guimarães Rosa lhe oferecera o *Corpo de baile* aos documentos que traduzia para empresas como a Petrobrás. Por duas vezes, os condôminos foram à justiça para despejá-la do prédio, alegando a sujeira e o barulho da cachorrada. Com o tempo, a outrora simpática mulher passou a exalar o cheiro dos seus hóspedes, daí a maneira por que, certa ocasião, Antonio Callado a apresentou em uma roda: “Aqui está Lya, que era muito interessante...”

Na década de 1970, quando a defesa pública dos animais era coisa de excêntricos, longe da militância que depois viraria moda, editou, com o amigo Carlos Drummond de Andrade, *A Voz dos que não falam*, jornalzinho mimeografado de oito páginas, tamanho ofício. Em 1998, cercada pelos bichos que amou e pelos quais lutou bravamente, morreu Lya Cavalcanti, essa “louca admirável”, como a chamou o poeta. Ao revê-lo do outro lado da vida, deve ter-lhe proposto relançar o jornalzinho, agora com um irreverente e original título post mortem: “A Voz dos que não Calam”...